

CARAVANA UNIVERSITÁRIA: UMA INDICAÇÃO DE POLÍTICA PÚBLICA DE LAZER E DE SAÚDE PARA GUANAMBI E REGIÃO

ÁREA TEMÁTICA: Educação e Saúde

Osaná Macêdo Reis¹; Marcius de Almeida Gomes²

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

RESUMO

Este trabalho propõe apresentar o relato de experiência do Projeto denominado Caravana Universitária, que foi desenvolvido no município de Guanambi-BA durante o período comemorativo dos seus 91 anos de emancipação política, a partir do processo de cooperação/parceria entre a Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus XII, Prefeitura Municipal de Guanambi e outras instituições. Assim sendo, o objetivo principal do projeto foi promover a integração da Universidade e das Instituições parceiras com a comunidade guanambiense e possibilitar à comunidade dos bairros envolvidos vivenciarem atividades que ampliassem suas experiências e permitissem refletir sobre novas alternativas de lazer. Enquanto metodologia o projeto tomou como base o processo de ruas de lazer, que representam atividades desenvolvidas em espaços públicos em forma de oficinas ou stands, o que possibilitou atender em torno de 1100 pessoas através do desenvolvimento de atividades recreativas, artísticas, físicas, esportivas e de promoção da saúde. A partir do exposto, acreditamos que a realização do evento foi importante tanto para os responsáveis pelo seu desenvolvimento como para os participantes diretos, pois possibilitou o processo de integração das instituições com as comunidades envolvidas, a oportunidade dos discentes vivenciarem os conteúdos estudados, bem como, uma oportunidade para que todos possam refletir sobre as diferentes possibilidades de ocupação dos espaços urbanos com atividades diversificadas, o que poderá ser muito importante para o processo de efetivação da cidadania, através de um planejamento mais articulado para utilização dos espaços de lazer disponíveis no município, inclusive por parte da Universidade.

Palavras-chave: Políticas Públicas; Comunidade; Educação.

¹ Licenciado em Educação Física pela Universidade Católica de Salvador e Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Salgado de Oliveira. Professor Auxiliar da UNEB – Campus XII, Coordenador do Curso de Educação Física – Campus XII e docente do Componente Curricular Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Jogo.

² Licenciado em Educação Física pela Universidade Católica de Salvador e Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor Assistente da UNEB – Campus XII e docente do Componente Curricular Treinamento Desportivo.

INTRODUÇÃO

As atividades pedagógicas, lúdicas, esportivas, artístico-culturais e de saúde abrangem um conteúdo vasto relacionado com as ações desenvolvidas no cotidiano das instituições envolvidas no projeto, tanto para espaços escolares quanto para outras áreas afins, possibilitando assim, uma melhor preparação do profissional para enfrentar o mundo do trabalho e oferecer atividades que permitam uma melhoria na qualidade de vida de alunos e da comunidade em geral.

O processo de ocupação de espaços públicos com atividades diversificadas é algo que acontece desde os tempos mais remotos, quando o homem começou o processo de organização social, pois como diz Macedo (2007):

Seja para praticar esporte, seja para morada, seja para passagem, seja para passear ou brincar, a rua assume a dimensão de possibilidades. Lugar onde se “pode” fazer tudo. Porque ela é via, é pública, é onde passamos grande parte do tempo. Trabalhar e manifestar, comer e se divertir. Partimos daqui: o lazer na rua..., pois nem sempre existiram teatros fechados, cinemas, shoppings e clubes. Aliás, alguns desses lugares nasceram na rua, justamente por ser aberta e pública. Peças de teatro, por exemplo, eram encenadas na rua. Antes da lona as calçadas eram palcos das peripécias dos palhaços. Mas não podemos reduzir a utilização da rua simplesmente como lugar restrito à passagem. Ao contrário, as pessoas vão à rua para assistir a uma peça, ver um filme, fazer caminhada, encontrar com amigos, brincar. A rua demonstra que pode ser usada coletivamente.

Partindo desse pressuposto, é que desde o ano de 2000 buscamos realizar eventos com características de rua de lazer, desenvolvendo atividades em colégios e praças de Guanambi e de cidades da região, visando promover a integração das comunidades com os conteúdos desenvolvidos na Universidade; e ainda possibilitar aos alunos do curso de Educação Física do Campus XII da Universidade do Estado da Bahia - UNEB vivências dos temas debatidos em sala de aula diretamente na comunidade, contribuindo assim, para a elaboração de uma proposta de ocupação dos espaços e com isso, exercer e expressar o sentido do público, enfatizando a criação de áreas que visem as trocas, a criação de novos vínculos afetivos e sociais e as múltiplas experiências advindas das práticas de atividades diversas.

Outro fato importante a ser ressaltado é que esse tipo de evento contribui para o oferecimento de condições para que a comunidade possa refletir sobre as possibilidades de conviver de forma harmônica, através de atividades diversificadas, a partir do aproveitamento dos espaços públicos, pois como diz Rechia (2001, p. 129):

O cotidiano da vida moderna pode conduzir as pessoas ao afastamento do contato físico, à fuga do espaço público e ao refúgio na vida privada. E desta forma, poderemos correr o risco de vivenciarmos uma abdicação da vida em comum, o que poderá representar um abandono da vida e do convívio social.

E neste sentido Rechia (2001, p 130) afirma:

[...] que embora um processo de individualização esteja presente no cotidiano, este mesmo pode gerar tensões refletindo-se em desejos de participação social, por meio de movimentos de resistência, inaugurando uma nova sociedade urbana, uma nova cultura.

Foi exatamente no contexto de buscar integração entre a comunidade e instituições de ensino, que se delineou a proposta de realização do projeto Caravana Universitária, com a ocupação dos espaços públicos através do desenvolvimento de atividades corporais possíveis no cotidiano das pessoas, produções artísticas com informações para melhoria da qualidade de vida e fomento a prática de ações que possibilitem a autonomia da comunidade para ocupar o tempo livre e, principalmente, a partir do convite da prefeitura municipal de Guanambi que buscava oferecer uma programação diferenciada como forma comemorativa aos 91 anos de sua emancipação política.

Considerando essas características, foi proposto o projeto Caravana Universitária a partir de um convite da Prefeitura Municipal de Guanambi-BA, através da Secretaria Municipal de Educação, visando o desenvolvimento de atividades lúdicas e orientações relacionadas com a promoção da saúde, como forma de comemoração das festividades dos 91 anos de emancipação política do município, onde fosse possível a participação de outras instituições na realização do evento, tais como; (UNEB – CAMPUS XII, Faculdade Guanambi, Instituto Federal de Educação – Campus Guanambi e Colégio Estadual João Durval Carneiro)

Queremos ressaltar que o Projeto Caravana Universitária é um momento de vivência de atividades diversificadas para as comunidades dos bairros envolvidos e que apesar de não se tratar de uma ocupação efetiva dos espaços públicos do município de Guanambi-BA, contribui diretamente para uma reflexão profundo no sentido da responsabilidade do poder público municipal com a criação de ações regulares que busquem atender os bairros do município, compactuando com as necessidades apresentadas, tomando-se uma política pública de lazer da gestão municipal, visto que a população dos bairros periféricos reclama da falta de atividades que atendam crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, pois mesmo o município não sendo um grande centro, percebemos as mesmas desigualdades no processo de ocupação do espaço urbano e que as áreas propícias ao desenvolvimento de atividades diversas estão distantes dos bairros periféricos, impossibilitando a participação das pessoas mais necessitadas. “Entendemos que o compromisso democrático e cidadão da esfera pública municipal, deva responder com uma política que favoreça, amplie e democratize o acesso”, (Cavalleiro e Salgado, 1996: p. 105) as atividades pedagógicas, lúdicas, esportivas, artístico-culturais e da saúde para toda comunidade.

Logo, este projeto teve como objetivo incentivar a aplicação das práticas dos fundamentos de atividades lúdicas e práticas de saúde, visando oferecer aos alunos das instituições envolvidas a vivência de estruturação e de desenvolvimento prático de ações educativas para a comunidade local.

METODOLOGIA

Após levantamento de algumas áreas que oferecessem boas condições para realização de atividades com crianças e adultos, foram selecionados os bairros Brasília, Vomitamel e Alvorada, pois sendo o objetivo principal a integração da comunidade com as instituições envolvidas, nada mais significativo do que executarmos o projeto em comunidades que não usufruem de atividades que ocupem os espaços públicos de forma sistematizada, pois foi constatado que o centro da cidade já era contemplado com tais ações.

O evento foi realizado nos dias 10, 11 e 12 de agosto de 2010, com início às 8h e término às 12h, nas praças dos bairros Brasília, Vomitamel e Alvorada, ficando das 15 às 18 horas disponíveis para atividades nos stands de avaliação e orientação à saúde. Às 8:00h foi iniciado o evento com a organização dos espaços que foram utilizados pelos alunos dos cursos e comunidade local.

A organização foi sistematizada em oficinas, em número de 05 (cinco), onde cada grupo permaneceu por 30 (trinta) minutos e em seguida foram realizados rodízios, para que as crianças pudessem vivenciar todas as atividades. No momento do rodízio um responsável por cada oficina conduziu o grupo para próxima oficina.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Cada grupo participante foi composto por até 50 (cinquenta) crianças, conforme faixa etária, de ambos os sexos, com a supervisão dos professores dos cursos e Comissão Organizadora.

A estrutura organizacional foi composta por equipes que variaram de 4 (quatro) a 8 (oito) membros, responsáveis pela condução das oficinas: 1 – Ginástica: atividades de ginástica artística como saltos, estrelas, pontes e rolamentos; 2 – Artes plásticas: com o uso de tinta e papel cada criança buscou desenvolver a criatividade e ao final foram expostos os desenhos, com cada criança falando sobre o que pintou ou desenhou; 3 – Atividades lúdicas: atividades lúdicas que contemplaram as ações de correr, saltar e arremessar, visando a integração do grupo e respeitando as características das crianças; 4 – Construção de jogos: construção de brinquedos populares a partir de sucatas para que as crianças buscassem ampliar e trabalhar a criatividade; 5 – Voleibol: em forma de jogos e que buscaram atender os fundamentos do esporte. Atividades nos stands de avaliação e orientação à saúde foram as seguintes: stand de primeiros socorros, stand da água, exposição de quadro dos alunos do Colégio João Durval Carneiro, oficina de artes plásticas do Colégio João Durval Carneiro, stand dos técnicos em Enfermagem com atendimento sobre educação e saúde, TEAGRO do Instituto Federal de Educação, stand sobre lanche saudável, avaliação física e orientações sobre saúde.

Com base nesse contexto, foi possível perceber durante a realização do evento, que a comunidade carece de atividades dessa natureza. Seja observando o comportamento das pessoas envolvidas, a alegria manifestada no rosto de cada criança, jovem, adulto ou idoso por estarem participando das atividades, a

quantidade de pessoas envolvidas, pois contamos com a participação de cerca de 750 crianças e 350 adultos nos três bairros contemplados, ou através das respostas obtidas diretamente dos envolvidos.

CONCLUSÕES

A realização do Projeto Caravana Universitária nos leva a refletir que para que esse tipo de evento possa ser representativo para todos, faz-se necessário que se tome algo que ocorra com frequência, uma política estabelecida pela gestão pública e não algo de realização esporádica. Senão, estaremos contribuindo para manutenção das desigualdades historicamente observadas, pois segundo Marcelino (1996): “as camadas menos favorecidas da população vêm sendo expulsas para a periferia, e, portanto, afastadas dos serviços e dos equipamentos específicos”.

Dessa maneira o Projeto, além de contribuir para a melhoria da qualidade de vida das comunidades atendidas, constitui-se como momento rico e profundo de reflexão e avaliação em busca de um planejamento mais articulado com os espaços de lazer disponíveis no município, inclusive por parte da Universidade, dos professores de educação física da rede municipal de ensino e, principalmente, da Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Educação. E como constatação do fato citado acima, é importante relatar que o Projeto Caravana Universitária já vem sendo executado ou planejado para outros municípios pertencentes a micro região de Guanambi-BA.

BIBLIOGRAFIA

CAVALLEIRO, Maria Cristina e SALGADO, Marlene. **Diadema: Direitos que Vamos Construir.** Políticas Públicas Setoriais de Lazer: O papel das prefeituras/ Nelson Carvalho Marcellino (Org.). Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

ISAYAMA, Helder e LINHALES, Meily Assbú (Org.). **Sobre Lazer e Política: maneira de ver, maneira de fazer.** Belo horizonte, MG: Editora UFMG, 2006.

MACEDO, Maria Elisa. **A Rua para quem quiser.** Jornal A Rua, Ed. 2006, Belo Horizonte(MG): 10.03.2007.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer:** uma introdução. Campinas, SP: Autores e Associados, 1996.

RECHIA, Simone. **Espaço Urbano: Do Controle a Liberdade.** Representações do Lúdico: II Ciclo de Debates “lazer e motricidade”/ Heloisa Turini Brunhs e Gustavo Luis Gutierrez (Org.). Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

CIDADANIA ATRAVÉS DO ESPORTE PARA CRIANÇAS

Área Temática: EDUCAÇÃO

Ayrton Aruana Ramalho Ott

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Ayrton Aruana Ramalho Ott¹; Leana Gioia Siqueira²; Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior³

GRUPO DE ESTUDOS ESPORTE LAZER E SOCIEDADE

RESUMO

A Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), em parceria com a Secretaria de Estado e Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná (SETI) promoveu o programa de extensão intitulado UNIVERSIDADE SEM FRONTEIRAS. Este estudo analisa uma das ações desenvolvidas neste programa, através do sub-projeto Praticando esportes=formando cidadãos. Esta atividade foi desenvolvida pelo Curso de Educação Física da UEPG e visava aproveitar a capacidade atrativa do esporte para trabalhar valores de cidadania com crianças da periferia de Ponta Grossa e também da cidade de Reserva, ambas localizadas no Estado do Paraná e foram escolhidas pela situação de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e vulnerabilidade social do público participante. Como as experiências vivenciadas no decorrer dos 18 meses de desenvolvimento do projeto foram muito ricas, do ponto de vista humano, científico e social, optou-se em refletir neste estudo sobre um dos primeiros problemas vivenciados no início das atividades - o preconceito entre os participantes do sexo masculino em realizar atividades conjuntas com as meninas. Para o primeiro grupo as meninas só atrapalhavam o andamento das atividades esportivas, por eram consideradas frágeis, inaptas e sem aptidão para o desenvolvimento das atividades atléticas. Para analisar tal problemática que transcendem os possíveis méritos esportivos e nos remetem para a questão central do projeto, que é a formação da cidadania, partimos dos pressupostos apresentados por Souza (2008, p.11), quando indica que: “As relações existentes entre mulheres e homens em nossa sociedade são construções sociais. Isso não quer dizer que haja papéis inerentes a indivíduos delineados, apenas por sua conformação biológica”. De forma prática optou-se em aproveitar o ano da Copa do Mundo e desenvolver um calendário regressivo da copa do mundo, onde meninos e meninas se integraram e trabalharam juntos.

PALAVRAS CHAVE - Gênero, Cidadania, Copa do Mundo.

INTRODUÇÃO

¹ Acadêmico do 3º Ano de Licenciatura em Educação Física na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Integrante do Grupo de Estudos Esporte Lazer e Sociedade, pajearuana@yahoo.com.br

² Acadêmica do 3º Ano de Licenciatura em Educação Física na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Integrante do Grupo de Estudos Esporte Lazer e Sociedade, leanags_tb@hotmail.com

³ Professor Doutor, no Departamento de Educação Física, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, orientador do trabalho e do Grupo de Estudos Esporte Lazer e Sociedade, mfreitasjr72@ibest.com.br

“No contexto social o esporte é considerado como um meio capaz de congrega e reunir multidões, razão pela qual os meios de comunicação tem divulgado constantemente como sendo o grande fenômeno social da década” (LYRA FILHO, 1983). O esporte não só é utilizado para esses fins, como também pode ser uma maneira de educar e de repassar conhecimento para jovens e crianças. Através do esporte é repassada uma forma de aprendizado bem como o ensinamento da coletividade, companheirismo, cidadania, ter respeito com o adversário, e etc. Segundo Costa e Goulart, “A participação da criança no esporte tem real importância para o crescimento e o desenvolvimento adequados, visto que o mesmo pode exercer influência positiva em relação a aspectos mentais e cognitivos...”. (COSTA E GOULART, 2010)

A UEPG, em conjunto com a SETI, através do projeto de extensão, do programa da UNIVERSIDADE SEM FRONTEIRAS, Praticando esportes = formando cidadãos, que demonstrava a cidadania em conjunto com novos conhecimentos através do esporte e atividades de recreação a crianças da periferia da cidade de Ponta Grossa, bem como fundamentos de diversas modalidades esportivas como o basquete, vôlei, futsal e handebol, mescladas com a recreação, e valores éticos; as aulas eram especificadas, sendo focadas em cooperação incentivo e a ajuda entre os participantes.

O projeto praticando esporte=formando cidadãos tinha como principal objetivo utilizar a capacidade de atração do esporte, para melhorar a qualidade de vida dos participantes, fazendo com que as chances dessas crianças envolverem-se com o tráfico de drogas, bebidas alcoólicas, violência e más companhias fossem relativamente menores. Foi desenvolvido na cidade de Ponta Grossa, e na cidade de Reserva, localizada a 240 km da Capital Curitiba. Em Ponta Grossa o projeto beneficiava duas comunidades próximas ao Campus da UEPG, as duas em comuns são bem simples, de pessoas humildes, onde mais de 90% das ruas coletoras não eram pavimentadas, com exceção da linha de ônibus, não havia ambiente específico para o lazer e a recreação para a comunidade em geral, atualmente moram aproximadamente quinhentas famílias em cada um desses bairros ou vilas, essas comunidades contavam com uma infra estrutura básica contendo água encanada e rede coletora de esgoto, contavam com duas escolas municipais e uma estadual, porém segundo dados da Polícia Militar, as duas comunidades apresentam números elevados de crimes, trafico de drogas e consumo de bebida alcoólica entre os jovens.

OBJETIVOS

Na atualidade ainda pode ser observado o preconceito existente entre homens e mulheres, uma vez que quando se falado de esporte, isso tende a aparecer com bastante frequência, pois na maioria da sociedade, principalmente entre estudantes de series iniciais, observa-se com bastante intensidade de que na escola muitos alunos têm em vista de que o futebol é um esporte típico do sexo masculino, e o vôlei do feminino, isso pode ser mudado à medida que são trabalhados fatores como o gênero, onde atividades executadas com homens e mulheres simultaneamente auxiliam para uma melhor convivência na sociedade em geral.

MATERIAL E METODOLOGIA

Sendo a pesquisa científica uma atividade relacionada à solução de problemas em áreas que envolvem pessoas (GIL, 1999), não se deve levá-la à frente sem considerar o ambiente e o contexto atual e real, no qual os fatos e dados serão estudados e gerados.

Esta pesquisa caracteriza-se quanto ao procedimento técnico, como sendo estudo de caso. Este procedimento permite a análise em uma unidade do universo levando a

compreensão generalizada do todo ou até mesmo possibilitando a formulação de bases para estudos futuros, sistemáticos com alto grau de precisão (GIL, 1999).

E ainda, esse procedimento permite a utilização de mais de um caso (multicasos), o qual se considera referencia ou ideal para explicar determinada situação, sendo útil quando se encontra em fase inicial de investigação ou buscando ampliar o conhecimento que se tem a respeito de tema (GIL, 1999).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao início do projeto detectou-se que havia certo preconceito entre os participantes do sexo masculino relacionados ao sexo feminino, pois, a grande parte dos meninos não queria jogar ou fazer qualquer atividade em conjunto com as meninas, pois acreditavam que elas só atrapalhavam o andamento das atividades, por serem mais frágeis, pois “o esporte, principalmente na modalidade do futebol, dentro da escola é considerado culturalmente um esporte de âmbito masculino, onde se torna um relevante elemento para analisar a relação entre os sujeitos, especialmente meninos e meninas”. Segundo o olhar de Souza, “As relações existentes entre mulheres e homens em nossa sociedade são construções sociais. Isso não quer dizer que haja papéis inerentes a indivíduos delineados, apenas por sua conformação biológica” (SOUZA, 2008 p.11). De acordo com Joan Scott (1998) apud Souza gênero “é a organização social da diferença sexual, Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido dessa realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar” (SCOTT 1998p. 115).

Para a concepção de Souza:

“As questões de gênero e a construção social sobre o que significa ser mulher ou ser homem em nossa sociedade, bem como os padrões vigentes de feminilidade e masculinidade, atravessam todas as nossas relações. E a reprodução de determinados papéis usualmente vinculados aos chamados universos femininos ou masculinos, faz com que por um lado, tenhamos que condicionar nossas vidas às possibilidades e restrições, que nos chegam junto ao fato de sermos mulheres ou homens. E, por outro lado aquele ou aquela que não estejam dentro do que se espera de uns ou de outras, sejam constantemente lembrados (as), que não estão cumprindo seu papel a contento. Frases como ‘lugar de mulher é na cozinha’ ou ‘homem não chora’ continuam sendo repetidas quase que automaticamente, e elas muito nos dizem sobre o que a nossa sociedade espera de mulheres e de homens. Essa separação binária das condições dos indivíduos, em que a mulher cabe tudo o que a sociedade percebe como ‘feminino’ (a casa, por exemplo) e ao homem tudo o que é masculino (a rua, por exemplo) abre pouca possibilidade para a ambigüidade, para o que não é e não precisa ser uma coisa nem outra. Daí advém, a discriminação e a violência sofrida por homossexuais, travestis, transgêneros, etc”. (SOUZA 2008 p.12).

Para resolver este problema, aproveitando que o projeto foi desenvolvido em ano de Copa do Mundo, e através de uma proposta do coordenador geral do projeto, que consistiu em elaborar um painel regressivo dos dias que faltavam para o início da copa do mundo, sendo preparado pelos alunos (meninos e meninas integrados) do praticando esportes=formando cidadãos.

Para a confecção do painel houve alguns entraves entre os alunos, de ambos os sexos, pois a maioria gostaria de ficar responsável pelo grupo G o do Brasil, vindo a ser solucionado esse problema no momento em que foi montada as equipes de “pesquisa”. Para organizarem o painel, os alunos foram divididos em equipes de três integrantes, e cada equipe era responsável por um grupo de países participantes da copa do mundo, incluía-se como tarefa,

fazer uma pesquisa sobre os países participantes da copa, que estavam na chave que sua equipe era responsável, logo após terem realizado as pesquisas que consistiam em, numero de habitantes do país, como era a cultura, se já havia ganhado algum titulo da copa do mundo, e assim por diante, eles iniciaram a elaboração do painel, com o auxilio dos estagiários e do coordenador, escreveram dados, a pesquisa, em cartolinas todas disponibilizadas pela escola, colaram figurinhas da copa, desenhos, entre outras. Acabaram demonstrando muita dificuldade para ler e para escrever nas cartolinas, muitos erros de português foram detectados e uma dificuldade extrema. Integrou-se a geografia, através do mapa mundi, onde as crianças identificavam onde o país do seu grupo ficava localizado, o continente em que se encontravam, países com quem se fazia fronteira, e qual oceano banhavam os países.

Após ser elaborado o painel regressivo, deu inicio aos ensaios das temidas apresentações, pois eles tinham que dar continuidade as pesquisas, fazendo apresentações para os pais, e mais uma vez eles acabaram demonstrando muita dificuldade, tanto para se expressar em publico, e quanto para ler o que já tinham escrito. A apresentação para os pais e demais colegas que estavam presentes, não mudou muita coisa dos ensaios até a conferência, pois no tão temido dia para eles, a grande parte acabou demonstrando muita dificuldade e os que acabaram tendo um desempenho melhor ajudaram aos que tinham mais dificuldade de apresentar, acabaram demonstrando com isso, o companheirismo, amizade e a coletividade entre os participantes.

Posteriormente as apresentações, incluía-se na programação uma atividade a ser realizada pelas crianças que participavam do projeto juntamente com os pais. O exercício foi realizado na quadra da escola, misturando (integrando) homens e mulheres na mesma equipe, para demonstrar que as crianças, podem fazer atividades como o futebol e conviver juntas, meninos e meninas, homens e mulheres, sem haver algum problema de convívio no esporte. A atividade consistiu em um pai e uma mãe junto com um filho e uma filha na mesma equipe, o exercício acabou sendo um sucesso entre os participantes, e demonstrando aos pais destas crianças que no projeto em que elas participavam, os mesmos apenas não jogavam bola ou então brincavam com atividades recreativas somente, e sim estudavam questões de valores, cidadania, ética, e adquiriam conhecimento.

Em projetos para a formação de cidadãos, não poderia faltar tema transverso como a violência, que hoje se ouve falar muito dela na escola, para suprir essa necessidade agrupou-se no projeto dezenas de aulas se tratando desse tema, pois hoje, no Brasil, a violência, que antes estava presente nas grandes cidades, espalha-se para cidades menores, à medida que o crime organizado procura novos espaços. Além das dificuldades das instituições de segurança pública em conter o processo de interiorização da violência, a degradação urbana contribui decisivamente para ele, já que a pobreza, a desigualdade social e o baixo acesso popular à justiça não são mais problemas exclusivos das grandes metrópoles. Na última década, a violência tem estado presente em nosso dia-a-dia, no noticiário e em conversas com amigos. Todos conhecem alguém que sofreu algum tipo de violência. Há diferenças na visão das causas e de como superá-las, mas a maioria dos especialistas no assunto afirmam que a violência urbana é algo evitável, desde que políticas de segurança pública e social sejam colocadas em ação. É preciso atuar de maneira ativa tanto em suas causas primárias quanto em seus efeitos. A violência urbana, no entanto, não compreende apenas os crimes, mas todo o efeito que provocam sobre as pessoas e as regras de convívio na cidade. A violência urbana interfere na vida social, prejudica a qualidade das relações sociais, corrói a qualidade de vida das pessoas. Assim, os crimes estão relacionados com as contravenções e com as incivildades; Gangues urbanas, pichações, depredação do espaço público, o trânsito caótico, praças mal cuidadas, sujeira em período eleitoral compõem o quadro da perda da qualidade de vida.

As atuações do projeto no sentido de auxiliar a não violência, foram demonstrar que uma ação como um chute ou um soco na hora em que eles estão na fila para pegar o lanche ou então para entrarem na sala de aula, seria um ato violento, exigindo reflexão pelo autor, pois o diálogo e o entendimento entre ambas as partes é a melhor atitude.

CONCLUSÕES

O projeto de extensão era importante na vida social das comunidades, pois nos meses finais detectou-se uma melhora na qualidade física de vida cotidiana dos participantes, bem como uma melhora extraordinária no comportamento de meninos e meninas, tanto no próprio projeto, quanto na escola e posteriormente em suas casas. Ao final do projeto identificou-se que o preconceito existido entre eles (meninos e meninas) no início, havia reduzido significativamente, pois eles já se integravam nas atividades, a amizade e o companheirismo entre eles eram visto no comportamento, segundo depoimentos de professores e pais, pois eles aprenderam através de temas transversais, a valorizar e cuidar melhor de sua vida, conseqüentemente melhorando a comunidade em geral. O trabalho com qualidade, respeito, ética e dignidade leva o participante a ser um bom cidadão, mesmo em lugares que não somos bem aceitos.

REFERENCIAS

ARENDET, Hanna. **A CONDIÇÃO HUMANA**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2007.

BRACHT, Valter. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo capitalista. Rio de Janeiro. Revista Brasileira de ciência do Esporte, Janeiro 1986.

GOULART, Cláudia. **A IMPORTANCIA DO ESPORTE NA VIDA DA CRIANÇA**. Disponível em: http://www.unipaciefom.com.br/anais09/trabalhos/Eixo4/Jakeline_e_Claudia.pdf Acesso em: 05/02/10.

LYRA FILHO, João. **Introdução a Sociologia dos Desportos**. Rio de Janeiro. Record, 1973

PARANÁ. **PROGRAMA UNIVERSIDADE SEM FRONTEIRAS**. Programa e objetivos. Disponível em: <http://www.seti.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=27> Acesso em: 16/04/2011

SOUZA, Patrícia. **PROJETOS SOCIAIS**. X. São Paulo. Boitempo, 2008.

Área temática

Educação

Responsável pelo trabalho

Sérgio Ricardo Aboud Dutra

Instituição

Universidade Federal Fluminense (UFF)

LABORATÓRIO DE ESTUDOS DO FUTEBOL

1- Fábio Jorge de Souza Molinário

2- Jorge Lucas Ferreira do Nascimento

3- Sérgio Ricardo Aboud Dutra

RESUMO

Este projeto é resultado de uma demanda dos alunos do curso de Educação Física da Universidade Federal Fluminense, a partir do momento em que começaram as disciplinas de Pesquisa e práticas de Ensino. Partindo do aprendizado ao longo do curso, percebemos a necessidade de um estudo mais aprofundado nas discussões acerca do Futebol e suas manifestações sociais e culturais. Desta forma resolvemos criar o LABOL, Laboratório de Estudos do Futebol, no Instituto de Educação Física da UFF. Neste projeto nos propomos a estabelecer uma relação dialética entre os saberes acadêmicos e os saberes escolares tendo como principal tema de abordagem o futebol em suas mais diversas manifestações sociais e culturais. Contribuindo, assim, para a formação de professores de Educação Física mais críticos, com a formação continuada de docentes que já se encontram em seus campos de trabalho e também oportunizando a alunos da Educação Básica uma troca de conhecimentos.

Palavras chaves: Educação física Escolar, futebol, Formação Continuada

INTRODUÇÃO

Este é um Projeto novo, gerado pelas necessidades e anseios de um grupo de professores e alunos da UFF, principalmente da Educação Física tanto a coordenação, quanto os membros envolvidos nele tem um acúmulo de discussão na área proposta. Além disso, temos trabalhado com extensão há algum tempo o que muito complementa nossa

própria formação, pois temos certeza da melhoria do nosso trabalho docente por conta das nossas Ações extensionistas. A tanto citada indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, para a nossa equipe ganha vida quando levamos à sociedade os resultados das nossas pesquisas, quando deixamos de hierarquizar saberes e passamos a trocá-los, dialogicamente e, assim, ampliando as nossas possibilidades de trabalho em nossas salas de aula. Elaboramos este Projeto de forma dialética com os nossos parceiros e com os membros da equipe executora, o que representa um grande exercício para uma prática democrática, principalmente para os alunos envolvidos. A participação nas atividades previstas, como oficinas, discussões teóricas, permite que os nossos alunos extrapolem os muros da Universidade e compreendam a democratização do conhecimento e mais, percebam a não hierarquia dos tipos de conhecimento, mas sim suas diferenças. O aprendizado ampliado através dos debates e a orientação dos responsáveis pelas atividades, permitem uma vivência da relevância do trabalho, não só academicamente falando, mas também socialmente falando. O processo educativo, em qualquer área de ensino/aprendizagem, tem como objetivo levar os alunos a utilizarem suas capacidades intelectuais para a aquisição de conceitos e habilidades, assim como para o uso desses conceitos e habilidades na prática, em sua vida diária e no próprio processo educacional. A aquisição é reforçada pelo uso dos conceitos e habilidades, e o uso leva à aquisição de novas habilidades e conceitos. A proposta do Laboratório de Estudos do Futebol consiste em provocar situações de aprendizado sobre processos sociais e culturais e, a partir de suas manifestações, despertar no aluno o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida, pessoal e coletiva, participando, portanto, de uma concreta transformação social. Compreender o futebol como forma de manifestação social e cultural e como fenômeno que se expressa sob diferentes formas, Confeccionar um acervo permanente sobre futebol, Divulgar os resultados obtidos, Criar grupos de pesquisa e estudos, Trabalhar com adolescentes de Ensino Médio de Escolas de Niterói e Realizar oficinas Temáticas

MATERIAL E METODOLOGIA

Mediante a construção histórica do futebol e o enfoque salvacionista que lhe foi garantido e consolidado por alguns segmentos da sociedade mundial, o Laboratório de Estudos sobre o Futebol, localizado no Instituto de Educação Física, surge como um projeto que busca analisar o futebol sob diversas perspectivas: sociais, culturais econômicas. A partir dessas análises, temos realizado oficinas que tenham o futebol como

temática central. Refletindo, principalmente nas práticas acadêmicas e escolares deste.

Para Kunz (2006), “O esporte é uma prática social de origem histórico-social definida e que precisa ser questionada como conteúdo pedagógico...” (p.20). E ainda, “Para tanto é necessário no contexto escolar “desmistificá-lo”, através de conhecimentos que permitam aos alunos, criticá-lo dentro de um determinado contexto sócio-econômico-político-cultural”(p.20). A realidade escolar aponta para a negligência da temática futebol enquanto prática de construção de saberes e conseqüente transformação social.

Para isso, entendemos que é de extrema importância pensar em novas possibilidades de tratar este assunto com nossos alunos para além do jogo prático. O trato com o futebol no ambiente escolar deve estar sempre relacionado com as manifestações sociais, políticas, econômicas e culturais da modernidade tardia.

Dentro destas perspectivas, o Laboratório de Estudos sobre o Futebol surgiu como um projeto que visa pensar e aplicar oficinas sobre o futebol para alun@s do Ensino Médio e Séries finais do Ensino Fundamental, sobre a ótica da relevância de se construir novos conhecimentos, desmistificar práticas reprodutivistas e ressaltar o emponderamento social através do esporte como uma ação possível dentro da escola.

Desta forma, o LABOL está sendo desenvolvido no Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense, com a participação de alunos do curso de Educação Física da instituição e de alguns outros cursos e atende ao público de escolas públicas de Niterói e São Gonçalo.

Assim, com as atividades planejadas pelo LABOL, esperamos dialeticamente contribuir com a sociedade e, desta forma estamos contribuindo também com a formação dos nossos alunos, vivenciando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O projeto, que é recente, já vem sendo desenvolvido em duas escolas da Rede Estadual do Rio de Janeiro, na cidade de Niterói: Colégio Estadual Raul Vidal e Liceu Nilo Peçanha, onde usamos de sessões de cinema seguidas de debates com os participantes do grupo de extensão, alunos e professores, não só de Educação Física, mas Sociologia e Filosofia também.

Contamos com a realização de grupo de estudos para melhor apropriação dos conceitos, as são reuniões realizadas semanalmente para planejamento e avaliação de propostas onde se dá a experimentação das questões discutidas e aprimoradas através de oficinas.

Também estamos investindo em um acervo inicial do LABOL, confecção de material pedagógico e jogos.

CONCLUSÕES

Trabalhar com uma Licenciatura em Educação Física e não vivenciar o Futebol é praticamente impossível. A paixão nacional pelo Futebol é mais do que debatida e conhecida em nossa sociedade, entre os nossos alunos ela se intensifica. Nos os espaços das Escolas Públicas onde realizamos o Projeto acreditamos que as ações feitas até agora tem obtido um bom resultado segundo a avaliação dos docentes e alunos. Isto nos traz uma perspectiva de abordagem de uma nova Educação Física Escolar e de como pensarmos e trabalharmos com Futebol. O processo de interdisciplinaridade que se constrói nas discussões coletivas, nas produções acadêmicas e na participação das ações se clarifica para os nossos alunos de graduação e também para os colegas docentes das escolas. Acreditamos que os produtos gerados pelo Projeto e o acervo que vem sendo construído no LABOL, contribuam para uma melhor sociedade já que consideramos, que todo membro da sociedade será mais atuante nela e dela melhor desfrutará, quanto maior for o espectro de seu conhecimento, o que em contrapartida reverterá em benefício para as suas demais práticas de vida, individuais ou coletivas, pois a Cultura deve ser instrumento de transformação social (BAUMAN, 1999).

REFERENCIAL

- BAUER, W. Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002. 516 p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- _____. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o Conceito de Cultura**. Campinas/SP: Autores Associados, 2004. 45 p.
- _____. (Org). **Futebol, Cultura e Sociedade**. Campinas/SP: Autores Associados, 2009. 164 p.
- DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 128p.

KUNZ, Elenor (org). **Didática da Educação Física: Futebol. Vl. 3.** Ijuí/RS: Editora UNIJUI, 2007. 200 p.

_____. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte.** Rio Grande do Sul: Unijuí, ed, 2006.

MEIRELLES, Mauro; INGRASSIA, Thiago. **Perspectivas teóricas acerca do Empoderamento de Classe Social.** Disponível em: www.ufpel.edu.br/fae/paulofreire/novo/br/pdf/Mauro%20Meirelles%20e%20Thiago.pdf.

Acesso: 27/12/2010.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares para Educação Básica Educação Física.** Curitiba: SEED, 2008.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Lazer e esporte; a espetacularização do futebol. *In:* BRUNHS, H. T. **Temas sobre lazer.** Campinas, Autores Associados, 2000. p. 130-143.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. **Espetacularização esportiva na TV: ações e desafios à educação física escolar.** Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd111/espetacularizacao-esportiva-na-tv.htm>. acesso em 28/10/2010

PASSEIOS E VISITAÇÕES ORIENTADAS A INSTITUIÇÕES DE ARTE E CULTURA NO RIO DE JANEIRO: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CULTURAL

Área Temática: Educação

Responsável: Cristina Borges de Oliveira
Universidade Federal Fluminense

Cristina Borges de Oliveira; Patrícia Nogueira Figueiredo, Luciana Paixão

O projeto de extensão *Passeios Culturais e Visitações orientadas no estado do Rio de Janeiro: uma proposta de formação cultural* é um projeto de extensão voltada para a construção de experiências que ampliem a formação cultural de estudantes e professores de educação física, em particular, e da comunidade acadêmica da UFF, em geral, através de passeios e visitas orientadas a instituições públicas de arte, cultura e história no Rio de Janeiro. É uma proposta que emerge a partir da percepção de que nos currículos de formação de professores não existem, via de regra, espaços instituídos para as experiências de fruição e produção de cultura e de arte prevalecendo uma escassez ou mesmo ausência de experiências culturais e artísticas significativas para os sujeitos que se formam professores. As ausências de experiências de fruição, de educação dos sentidos e de sensibilização para o belo pode redundar em importante impacto nas formas como os sujeitos formulam o conhecimento e nas maneiras através das quais eles o constroem e, principalmente no caso dos professores, como o transmitem (PINTO, 2002).

Neste sentido, a predominância de práticas pedagógicas tradicionais, nas quais há ênfase excessiva na transmissão e no ensino dos saberes clássicos da escolarização é uma das conseqüências que podem advir quando aqueles que são diretamente responsáveis pela educação e educação física das crianças e jovens possuem escassas experiências no campo ampliado da cultura (PINTO, 2002). Embora não se possa negar a importância fundamental de tais conteúdos no processo educacional, as atuais demandas colocadas para a educação e educação física no século XXI apontam à necessidade imperiosa de uma ampliação das práticas pedagógicas. Considerando que a função social da universidade no Brasil sustenta-se no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a Projeto articula-as dialeticamente em torno da formação e inserção profissional da educação física e de temas de interesse para este campo.

A articulação essencial com o ensino dá-se com a disciplina Oficina de Formação Cultural que integra o núcleo de disciplinas obrigatórias do curso de educação física do IEF/UFF tendo como objetivos básicos ampliar as possibilidades culturais dos alunos e contribuir para o desenvolvimento da sensibilidade dos mesmos para a cultura e as artes. Tal como esta disciplina, a Ação fundamenta-se na noção de que o acesso à cultura e à arte é de fundamental importância para a formação do sujeito e da sua participação na coletividade, especialmente, na função social de professor. Objetivamente, Ação e Disciplina complementam-se dialeticamente.

O Projeto dialoga também com a disciplina Pesquisa e Prática de Ensino 1, a qual propõe que os estudantes realizem estudos e debates sobre a infância e sua educação e proponham intervenções pedagógicas em instituições de educação infantil

na cidade de Niterói. Pautada pela perspectiva de que a educação infantil deve propor práticas criativas e experiências diversificadas (KRAMER, 1999), a Disciplina requer que os estudantes compreendam as múltiplas linguagens da criança e possuam capital cultural para subsidiar as propostas pedagógicas. A Ação proposta pretende oferecer experiências que enriqueçam o capital cultural dos estudantes e, assim, contribuir para que os conteúdos da cultura, da arte e da história possam ser incorporados na sua prática pedagógica e no trato com a criança pequena em creches e pré-escolas. Ademais, a Ação incorpora, como público-alvo, estudantes de pós-graduação *latu sensu* (especialização em educação física escolar/IEF) estabelecendo diálogos também com esta dimensão do ensino superior.

Deste modo, inserida em processos de formação ampliada de professores de educação física, a ação ora proposta intenciona promover condições para que o público-alvo amplie seu capital de conhecimento e interpretação cultural e artística e, assim, enseje a renovação das práticas pedagógicas escolares e não-escolares rumo a desalienação da cultura de massas. Pautados pela idéia de experiência e pela busca de compreensão do *lugar* da cultura (BHABHA, 2005) em nossa sociedade, perspectivamos que o acesso à produção artística e cultural em contextos não tradicionais de aprendizagem possa vir a ensinar significativos acréscimos e potencialidades para a formação pessoal e profissional do público-alvo.

Em relação à pesquisa, a Ação deverá constituir-se, inicialmente, solo empírico e conceitual para o desenvolvimento de duas propostas de pesquisas, a seguir sucintamente descritas: 1 – Acessibilidade à cultura e à arte nas cidades de Niterói e Rio de Janeiro, a qual objetiva identificar, nas instituições visitadas e nos passeios realizados, as condições de acessibilidade de corpos limitados por deficiência às dimensões da cultura e da arte; e 2 – Possibilidades de inserção professores de educação física nos espaços de produção, difusão e preservação de cultura e arte (museus, centros culturais e de memória, parques, etc.), a qual pretende discutir e ampliar possíveis campos de inserção profissional de licenciados em educação física. Além destes projetos, numerosas questões de pesquisa podem emergir conforme o público-alvo se aproxime das instituições. Entre elas, podemos cogitar algumas, tais como se segue: Quais as imagens de corpo estão presentes nas artes? Como a arte, em suas distintas expressões, retrata a cultura corporal? Quais os diálogos e quais silêncios existem entre arte e educação física? É possível a apropriação dos conteúdos da arte, da cultura e da história em aulas de educação física escolar?

Os objetivos do Projeto são: 1-Ampliar o capital cultural do público-alvo por meio de passeios e visitas orientadas a instituições de arte, cultura e história no estado do Rio de Janeiro; 2) Promover a formação humana e a cidadania através da valorização e democratização da cultura e da arte vistos como processos inerentes a formação de professores de educação física; 3-Estimular o pensamento inovador, crítico e criativo dos sujeitos envolvidos por meio da fruição e interpretação da produção artística, cultural e histórica; e 4-Contribuir para a constituição de práticas pedagógicas e de pesquisa inovadoras e criativas através da intensificação de ações que tornem visíveis os esforços de renovação destas práticas em uma perspectiva de ampliação do capital cultural discente.

A metodologia pauta-se pelos princípios do planejamento coletivo e da participação dos sujeitos. Para tanto, uma equipe gestora formada por professora, técnica-administrativa e estudante-bolsista reúne-se semanalmente, subsidiada por um planejamento geral que abrange todo o período, a fim de planejar as atividades de passeios e visitas bem como da organização de encontros para debates e avaliações. Para o bom andamento do processo metodológico, a equipe executora tem construído

instrumentos e procedimentos para a realização das seguintes atividades: 1) inscrição e contato permanente com o público-alvo e com instituições a serem visitadas além de providências relacionadas a transporte e alimentação; 2) construção de um fórum permanente de estudos, debates, discussões e relatos; 3) registro e sistematização das experiências; 4) construção e aplicação de instrumentos de avaliação; 5) apresentação de trabalhos em eventos científicos e publicação de artigos em periódicos científicos. Pretende-se ainda efetivar a uma produção áudio-visual que relate as experiências proporcionadas pela Ação.

As visitas e passeios às instituições são agendadas antecipadamente sendo os participantes do Projeto recebidos por guia da instituição que subsidia uma visita orientada, amplamente amparada por informações sobre o acervo da instituição, abrangendo explicações sobre escolas e linhas artísticas, valor histórico, patrimonial e artístico de artefatos, entre outros. A avaliação, mediada por uma perspectiva dialógica, tem sido feita a cada passeio/visitação por meio de debates e discussões sustentadas no referencial teórico e no registro e sistematização das experiências. A avaliação privilegia os seguintes parâmetros: a operacionalização das atividades; a frequência e a qualidade dos momentos de debate e discussão e a participação do público-alvo e faz uso de instrumentos como a observação e o registro e sistematização dos passeios e visitas.

No primeiro semestre de 2011, foram visitados o Museu de Arte Contemporânea de Niterói (Niterói), a Casa França Brasil (Rio de Janeiro) e o Centro Cultural dos Correios (Rio de Janeiro). Em média, trinta (30) pessoas participaram de cada passeio/visitação sendo a maioria estudantes do curso de educação física do IEF/UFF. Em dois passeios/visitações houve participação também de professores de educação física da rede pública estadual. O contato com as instituições para o agendamento dos passeios/visitações transcorreu sem problemas e o grupo participante da Ação foi recebido com atenção e deferência em todas elas.

Foi construído o blog <http://passeiosculturaisuff.blogspot.com/>, cuja intencionalidade inicial era dar visibilidade a proposta, constituir-se locus de acompanhamento da Ação e fórum de debates sobre as experiências. O blog é alimentado pela estudante-bolsista Luciana Paixão, sob a coordenação da professora Cristina Borges de Oliveira e apoio da técnica-administrativa Patrícia Nogueira Figueiredo. Seu conteúdo privilegiou a descrição do Projeto, a divulgação de formas e meios de inscrição e participação e as imagens fotográficas dos passeios/visitações. No entanto, ao blog foram sendo acrescentados conteúdos mais amplos que enriqueceram as suas possibilidades de formação cultural - links para instituições de preservação e guarda de acervo artístico e histórico e instituições científicas e entidades educacionais além do *Observatório da Educação Física*, sessão composta por links de entidades e sítios relacionados ao campo da educação física.

A proposta inicial teve que sofrer alterações, principalmente, pelas dificuldades relacionadas ao transporte dos participantes que a princípio foi previsto para ocorrer em ônibus cedido pela Universidade. Como tal não foi possível, o deslocamento dos participantes até as instituições visitadas é feito individualmente e por conta própria. A impossibilidade do transporte coletivo operou uma alteração nos itinerários de visitas, a qual passou a privilegiar as instituições do centro do Rio de Janeiro, as quais se encontram mais próximas do IEF/UFF oferecendo facilidade nos deslocamentos por meio das barcas que fazem o trajeto entre o centro de Niterói e o centro do Rio de Janeiro.

Ao final de sua primeira etapa, consideramos que os objetivos do Projeto tenham sido alcançados ainda que parcialmente. Neste sentido, a principal questão diz respeito a

inviabilização do transporte coletivo dos participantes. Tomando as elaborações de Pérez (2007, p. 129) sobre a formação docente - como relação marcada por heterotopias, ou seja, por “espaços outros que parecem deslizar para fora dos espaços instituídos produzindo a *negação do instituído* e engendrando *ações rebeldes*” - a expectativa era que o deslocamento coletivo traria contribuições para a proposta na medida em que ensinaria troca de idéias, expectativas, comentários, avaliações. Acredita-se que este condicionante possa ter também diminuído o impacto da proposta junto a um público mais amplo e reduzido sua participação na Ação. Apesar das conquistas, alguns desafios ainda estão por ser enfrentados. Entre eles, a luta pela conquista do ônibus, a ampliação das instituições visitadas com inclusão de instituições de história.

De outro lado, ressalta-se o trabalho coletivo e cooperativo da equipe gestora como ponto alto da Ação, inclusive, pela necessária e bem sucedida parceria entre professores, técnicos e estudantes. Quanto à participação do público-alvo nos passeios/visitações, considera-se que, desde sua divulgação, ocorreu expectativa positiva por parte do público-alvo, o aderiu ativamente aos passeios/visitações dando mostras de interesse e envolvimento com os contextos visitados. Neste sentido, cabe ressaltar narrativas dos participantes sobre a ampliação do conhecimento e sobre as possibilidades de construção novas práticas pedagógicas. Ainda é importante destacar a qualidade do registro fotográfico realizado pelos participantes dos passeios/visitações como significativo elemento de sua participação.

As conclusões, embora parciais, sinalizam para a importância da incorporação da cultura como elemento central dos currículos de formação de professores de educação física. Neste sentido, se os processos de formação de professores devem privilegiar a concepção do professor como intelectual imerso na dimensão cidadã – portanto, política – de sua prática pedagógica, não podem desvincular o ser político do ser sensível nem tampouco privilegiar a hegemonia da aprendizagem intelectual sobre a aprendizagem estética e sobre a sensibilização para o belo. A perspectiva de uma formação inicial crítica exige que oportunizemos aos futuros professores as condições de uma apropriação ampla e crítica da cultura e do conhecimento.

Referências bibliográficas

- BHABHA, H. K. *O lugar da cultura*. Belo Horizonte: UFMG/MG. 2005
- BAUER, W. Martin; GASKELL, George (ed). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 102 p.
- KRAMER, S. Infância e educação: o necessário caminho de trabalhar contra a barbárie. In: KRAMER, S. et.al.(orgs.) *Infância e educação infantil*. Campinas: Papyrus, 1999, pp. 269-280.
- NOVAES, Adauto et al. *O olhar*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- PINTO, R. N. *Os professores e a produção do corpo educado: o contexto da prática pedagógica*. Goiânia: FE/UFG, 2002 (Dissertação de mestrado).

PERÉZ, C. L. V. *A lógica e o sentido da formação: heterotopias, acontecimentos e sujeitos*. In: Revista Depto. Psicologia, UFF, vol. 19, no 1, Niterói, 2007.

PIPAS DE GOIÂNIA: HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS CRIANÇAS E DA CIDADE

Área: Educação

Responsável: Profa. Dra Rubia-Mar Nunes Pinto
Universidade Federal de Goiás

Rubia-Mar Nunes Pinto; Reigler Siqueira Pedroza; Nayara Queiroz de Santana

O FESTIPIPAS - *Festival pipa com grude ...e sem cerol (?)* - é um projeto de extensão e cultura composto de exposição e oficina relacionadas à história da pipa em Goiânia, capital de Goiás. O Festival enfatiza a recomposição dos *modos de fazer* e soltar a pipa na cultura corporal goianiense; o reconhecimento das relações entre crianças de bairros, setores e regiões da cidade a partir de distintos modelos de pipa; e a problematização sobre a progressiva deteriorização dos espaços de lazer que permitem a prática da pipa. Seus objetivos são: 1 - reconstituir a construção artesanal deste artefato; 2) evidenciar os diferentes modelos e formas de empinar a pipa presentes na história da cidade; 3) Instaurar um debate acerca do espaço urbano e os efeitos e impactos da sua ocupação para a prática da pipa em Goiânia; e 4) estimular iniciativas para a ocupação cidadã de espaços públicos adequados a prática da pipa (praças, escolas, parques, complexos poliesportivos, museus, campi universitários, etc.) ensejando o debate e a prática da busca de espaços qualificados para o lazer comunitário. De modo geral, os participantes das oficinas e da exposição apreciaram o que viram e se inquietaram com as novas possibilidades de conhecimento. Em especial, chamou atenção a articulação entre a história de um artefato infantil com o desenvolvimento urbano e suas conseqüências.

PALAVRAS-CHAVE: PIPAS – MEMÓRIA/HISTÓRIA - CIDADE

O FESTIPIPAS - *Festival pipa com grude ...e sem cerol!* - é um projeto de extensão e cultura composto de exposição e oficina relacionadas à história da pipa em Goiânia, capital do estado de Goiás, cuja ênfase recai sobre: 1) na recomposição dos *modos de fazer* e soltar a pipa na cultura corporal goianiense; 2) no reconhecimento das relações entre crianças de bairros, setores e regiões goianienses a partir da construção e uso de distintos modelos de pipa; e 3) na problematização sobre a progressiva deteriorização dos espaços de lazer que permitem a prática da pipa ensejando o debate e a prática da busca de espaços qualificados para o lazer comunitário na cidade de Goiânia. O projeto é uma proposta do (ve) LHACO – Laboratório de Pesquisas e Estudos em História e Artes do Corpo, grupo de estudos coordenado pelas professoras doutoras Rubia-Mar Nunes Pinto e Renata de Lima Silva.

O Projeto de extensão resulta dos estudos empreendidos no interior do projeto de pesquisa *Educação e cultura na história do corpo em Goiânia (1935-2005): o corpo entre a cidade e o sertão*. Esta pesquisa vindo dando origem a distintas monografias que investigam variadas dimensões das práticas corporais na capital goiana. Entre elas, a pesquisa já concluída *História e memória da pipa em Goiânia (1940 e 1990)*. Esta pesquisa permitiu forneceu condições para pensarmos as seguintes questões: O que dizem as pipas sobre as cidade de Goiânia, sua história, sua cultura? O que elas podem dizer sobre os sentidos do urbano, sobre a identidade daqueles que habitam a cidade de Goiânia e, de modo geral sobre os paradoxos e contradições de sociedades urbanizadas?

Poderia a pipa - este artefato construído e manipulado por crianças - contribuir para um repensar sobre o modelo de cidade que predomina na realidade brasileira?

Tais questionamentos ensejaram a realização do FESTIVAL DE PIPA COM GRUDE E SEM CEROL (?), da qual faz parte a Oficina de História da Pipa em Goiânia e a Exposição Pipas de Goiânia. Para a realização do FESTIPIPAS, uma parcela dos pesquisadores integrantes do (ve) LHACO tem-se empenhado na construção de uma *pedagogia da pipa* que permita a apreensão deste artefato como parte da cultura material, da memória e da história de Goiânia. A proposta que vem sendo *testada* se ancora em uma elaboração que tem como inspiração o referencial histórico-cultural da formação do psiquismo individual, os estudos sobre cultura material e sobre o ensino de história e educação física.

Tal pedagogia privilegia o trato pedagógico da pipa como conhecimento/saber a ser apreendido pelas crianças. É uma metodologia de leitura ou descobrimento do objeto. A leitura do objeto favorece o trabalho de elaboração conceitual das crianças ao permitir o exercício da análise e da síntese (os quais mobilizam variadas operações intelectuais como descrição, generalização, comparação, classificação, indução e dedução). Sendo assim, a abordagem procura contribuir para que a criança, ao apreender a pipa, avance para a formação de conceitos que lhe possibilite o alcance um saber mais elaborado sobre algo que faz parte do seu cotidiano. A problemática que vem suscitando e estimulando a construção de uma *pedagogia da pipa* é a seguinte: Como tratar pedagogicamente os saberes da cultura corporal como conhecimento/saber nas aulas de educação física escolar e também nos espaços não-escolares, mas que trabalham com intencionalidades educativas e em articulação com a escola (como museus, brinquedotecas, colônias de férias, etc)? Mais precisamente, questiona-se como tratar este tema em uma perspectiva crítica e problematizadora que contribua para que a criança possa se valer de tais saberes para fazer a leitura da realidade na qual vive. Os objetivos do FESTIPIPAS são:

Geral: Tematizar a história da pipa enquanto um significativo artefato da cultura corporal na história do corpo em Goiânia.

Específicos:

- 1 - reconstituir a construção artesanal deste artefato na cultura corporal da infância e da juventude goianiense ressaltando suas transformações ao longo do tempo;
- 2) evidenciar os diferentes modelos e formas de empinar a pipa presentes na história da cidade e as relações historicamente construídas entre crianças de bairros, setores e regiões da cidade de Goiânia em torno dos modelos e dos modos de soltar pipas;
- 3) Instaurar um debate acerca do espaço urbano e os efeitos e impactos da sua ocupação para a prática da pipa em Goiânia, em especial, ressaltando a questão do uso do cerol; e
- 4) estimular iniciativas para a ocupação cidadã de espaços públicos adequados a prática da pipa (praças, escolas, parques, complexos poliesportivos, museus, campi universitários, etc.) ensejando o debate e a prática da busca de espaços qualificados para o lazer comunitário.

Nosso foco recai sobre os jogos, brinquedos e brincadeiras. Um tema, sem dúvida, relevante e atual para o campo da educação e, em especial, da educação física. Objeto de pesquisa que transita nas fronteiras do conhecimento, o jogo/brinquedo/brincadeira se mostra como algo extremamente complexo, inclusive, pela proliferação de discursos que celebram sua importância e validade na educação e na formação humanas, mas que pouco tem avançado em direção a novas compreensões e sínteses para sua abordagem como saber válido para a leitura da realidade. O que prevalecem são as perspectivas que repetem *ad nauseam* seu valor e importância para

o desenvolvimento infantil, seu potencial instrumental nas aprendizagens escolares (em especial, os saberes elementares – ler, escrever e contar) e na incorporação dos comportamentos requeridos pela vida social moderna, etc., etc., etc..

Esta proliferação de discursos que celebram o jogo aliada a ausências de abordagens que ultrapassem seu uso como recurso pedagógico coloca dificuldades para lidar cientificamente com este objeto. O que prevalece é a falta de problematização sobre esta prática cultural e a *repetição* sobre importância e modos de tratamento por parte de professores. O que mais se evidencia nestes discursos, pesquisas, intervenções e práticas é a abordagem puramente instrumental do jogo, do brinquedo e da brincadeira, característica já conhecida e defendida desde a antiguidade clássica tendo sofrido grande desenvolvimento a partir da consolidação da moderna forma escolar, por volta do século XIX e XX. No presente, continuamos a ecoar Rousseau, Pestalozzi, Froebel e outros teóricos de tempos passados e do tempo presente. Nossos discursos e práticas pouco fizeram avançar, por exemplo, a tomada destas práticas lúdicas em sua historicidade e significação social, embora, seja esta a postura do referencial. É este, talvez, o maior desafio se pensarmos as práticas lúdicas como práticas culturais e históricas e como saber/conhecimento a ser ensinado e apreendido nas aulas de educação física, exatamente como indicam as proposições críticas da área.

Neste sentido, a pipa é pensada num recorte que permite abordá-lo como um artefato da cultura material e da história de Goiânia. Isto quer dizer que para tratar a pipa como conhecimento/saber se toma os conceitos de cultura material e história como mediadores privilegiados. Assim, o ponto de partida metodológico é dado exatamente pela inserção da pipa na cultura e na história ressaltando que:

- 1) A pipa é tratada como artefato da cultura material (BLANCO, 1988), participante da história do corpo em Goiânia, portanto, como objeto que contém as contradições e paradoxos da sociedade goianiense bem como reúne elementos para sua superação.
- 2) O artefato pipa deve ser apreendido como elemento de um complexo. Não se visa, portanto, apreensão da pipa como um fato isolado que vai se agregando, progressivamente, a outros fatos isolados. Busca-se, ao contrário a concretude da pipa, o seu relacionamento com outras partes da totalidade social (FONTANA, 1998).
- 3) A pipa em Goiânia (objeto do conhecimento) deve ser apreendida como um momento do processo histórico, o que significa apreender a gênese e desenvolvimento da pipa na história – e na história da cidade-capital de Goiás, em particular -, suas contradições e as possibilidades para sua superação.
- 4) Para conhecer a pipa a partir desta perspectiva, há a necessidade de ultrapassar o nível dos aspectos fenomênicos (sensoriais) da realidade e atingir os aspectos essenciais da realidade. Os aspectos fenomênicos da realidade ocultam a compreensão da gênese, da especificidade e das determinações reais (em uma palavra, do movimento da história) que pesam sobre o objeto (FONTANA, 1998).
- 5) O ponto de partida para a apropriação do conhecimento deve ser concreto e sustentar-se na mediação do outro e da linguagem que são elementos centrais no processo de elaboração conceitual da criança e, por esta razão, elementos centrais no processo de apropriação do conhecimento.

De um ponto de vista histórico, a proposta prima pela reconstituição das ‘artes de fazer’ relacionadas a um artefato cultural - pipa, papagaio, arraia - na cidade de Goiânia inserindo-se na perspectiva de uma história das práticas do cotidiano ou das ‘práticas comuns’, como propõe Michel de Certeau (1994). Para este autor, tais práticas, ao contrário de apenas reproduzirem a cultura da sociedade de consumo, se constituem como ‘uma produção’ de sujeitos aparentemente entregues à dominação e considerados

como meros consumidores da cultura de massas. Ressaltam-se aí as operações (as artes de fazer, os usos, as operações) realizadas por tais sujeitos sobre os objetos de consumo.

Ao tomar a cidade como espaço de produção dos despossuídos de poder, aceita-se o pressuposto que o urbano é o lugar no qual há uma cultura (capitalista, burguesa) que trama sem que se tenha consciência de sua ação sobre os sujeitos. Dispositivo oculto pela cotidianidade, o espaço da cidade, suas repartições, suas zonas de contato e de distanciamento são parte significativa desta cultura. Mais que meramente dimensão física da realidade, o espaço urbano comporta classificações, hierarquias e clivagens que vão sendo apreendidas e incorporadas pelos seus usuários. Considera-se, a partir daí, que as pipas são artefatos culturais que expõem os rastros das cidades: elas nos chamam a flunar no urbano e a perscrutar os seus cantos, adentrar seus vazios, espionar os cantos disciplinarizantes dos shoppings-mercado convidando-nos a reaver a *alma encantadora da cidade*.

A pipa, esse significativo artefato da cultura material na história das práticas corporais goianienses, se insere na perspectiva de afirmação de da ação tática subterrânea, típica daqueles que não detém força para abalar as fundações do sistema econômico dominante. Ao cartografar os céus da cidade, as pipas ajudam a afirmar uma forma de tempo distinta do frenético tempo capitalista, fazendo uma história do tempo presente, comum. As pipas nos céus fazem, então, uma história do tempo presente que se faz - não em grandes acontecimentos -, mas no cotidiano que é o lugar político desta história. Aberto, o cotidiano - e nele, as pipas - expõe a transitoriedade como práxis aberta da existência (CERTEAU, 1990).

Neste sentido, o Festival assume a perspectiva de que a pipa - sua construção e uso - é uma *produção* histórica de sujeitos despossuídos de poder (crianças, jovens, principalmente, crianças e jovens pobres de Goiânia) que, através das maneiras de usar e fazer, atuam nas brechas do sistema dominante inventando uma *poética* do cotidiano no centro do Brasil. A Exposição Pipas de Goiânia e Oficina de História da Pipa em Goiânia se propõe dar a conhecer a historicidade desta produção essencialmente infanto-juvenil. Para tanto ressalta a partir de relatos orais de velhos e jovens habitantes da cidade-capital: 1) dois modelos de pipa e seus respectivos usos pelas crianças e jovens goianienses; 2) o uso de diferentes tipos de material colante na construção da pipa, inclusive, a cola artesanal conhecida como grude; e 3) a transformação dos nomes deste artefato na história do corpo em Goiânia; 3) as conseqüências - por vezes nefastas - da arte de soltar pipas no modelo de cidade que predomina em nosso momento histórico.

Assim, é na perspectiva de contribuir para a instauração de um debate acerca da cidade que foi proposto e realizado o *Festival de pipa com grude...e sem cerol* (?). Espera-se, com a sua realização, contribuir para a preservação da memória das práticas corporais e estimular iniciativas voltadas para a ocupação cidadã de espaços públicos adequados a prática da pipa (praças, escolas, parques, complexos poliesportivos, museus, campi universitários, etc.) ensejando o debate e a prática da busca de espaços qualificados para o lazer comunitário na capital goiana.

O foco privilegiado da proposta dirige-se, portanto, à história da cultura corporal urbana na cidade-capital goiana privilegiando as práticas corporais da 'da gente modesta' (DAVIS, 1990) - os soltadores de pipas - e suas operações sobre o artefato. Desta perspectiva, o Oficina também intenciona estimular o debate sobre os limites e conseqüências dos usos da pipa em uma cidade - como Goiânia - que tem vivenciado um intenso processo de especulação imobiliária e ocupação desordenada do espaço (MOYSÉS, 2004) bem como do acelerado avanço da violência urbana. A proposta pretende contribuir para a ampliação do debate das problemáticas suscitadas pela prática

da pipa (uso do cerol, acidentes com redes elétricas, etc.) associando-as à progressiva redução e deteriorização de espaços de lazer comunitário nos quais crianças, jovens e adultos possam soltar pipas em segurança.

Em particular, enfatiza-se o cerol, seus usos e conseqüências, como importante aspecto da historicidade da pipa em Goiânia. Na pesquisa que subsidia o Festival não foram encontradas referências ao cerol e à pipa nas fontes impressas (jornais e revistas) de Goiânia em momento anterior ao século XIX. Os jornais dos anos 2000, entretanto, deixam evidentes a agudização de um dos efeitos de uma prática histórica da pipa em Goiânia, qual seja, o uso da mistura de cola e vidro moído nas linhas da pipa nas *guerrinhas de cerol*. A pipa se tornou um problema urbano em Goiânia. Nesta década, no noticiário jornalístico local, abundam relatos e ocorrências acerca das conseqüências nefastas desta prática, especialmente, para motociclista e ciclistas.

Os jornais dão a ver um intenso debate sobre esta questão, o qual culmina na aprovação de lei municipal (Lei 8832/2009) que criminaliza a fabricação e uso do cerol em Goiânia. A partir da aprovação da lei, os jornais trazem notícias do aprisionamento de linhas com cerol, de fabricantes e usuários da mistura, inclusive, crianças e adolescentes e certa ênfase no trabalho educativo (e repressivo) realizado por grupamentos militares locais (PM, Guarda Municipal, Corpo de Bombeiros) junto a crianças e jovens da cidade. A criminalização do cerol reveste-se de uma latente dramaticidade se levados em conta, de um lado, seus funestos efeitos sobre a vida de cidades e, de outro, a construção histórica que faz do cerol uma prática de formação, principalmente de meninos (PINTO et all, 2010).

O combate e a criminalização do cerol em Goiânia têm enfrentado as resistências dos meninos da cidade. Eles continuam a *guerrear* nos céus da cidade, apesar dos esforços de escolas, professores, policiais e políticos e da mídia local e nacional. Seus efeitos nefastos tendem a se ampliar dado que Goiânia acelera o passo rumo a um modelo urbano pautado pela redução ou desaparecimento dos amplos espaços vazios que marcaram a sua geografia e pelo aumento na circulação nas ruas e avenidas que surgem onde antes só existia mato ou capim. Neste contexto, escasseiam os espaços públicos de lazer para a população goianiense. Praças e campões nos quais se pode soltar pipa com segurança vão sendo substituídos pelos condomínios privados e pelos *shopping-centers* que qualificam, progressivamente, a modernidade excludente que é uma das marcas das cidades brasileiras (PINTO et all, 2010).

É na perspectiva de contribuir para a instauração de um debate acerca da cidade que foi proposto e realizado o *Festival de pipa com grude...e sem cerol (?)*. Espera-se, com a sua realização, contribuir para a preservação da memória das práticas corporais e estimular iniciativas voltadas para a ocupação cidadã de espaços públicos adequados a prática da pipa (praças, escolas, parques, complexos poliesportivos, museus, campi universitários, etc.) ensejando o debate e a prática da busca de espaços qualificados para o lazer comunitário na capital goiana.

O FESTIPIPAS foi realizado na Faculdade de Educação Física da UFG, no Museu Antropológico da UFG, no Campus Avançado da UFG e na 63ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (Goiânia, 2011) atingindo não somente crianças, mas também jovens e adultos. Houve, principalmente nas oficinas realizadas com crianças, a necessidade de ajuste na proposta metodológica em função do tempo, a qual se mostrou insuficiente para o pleno desenvolvimento da pedagogia da pipa. De modo geral, os participantes das oficinas e da exposição apreciaram o que viram e se inquietaram com as novas possibilidades de conhecimento. Em especial, chamou atenção a articulação entre a história de um artefato infantil com o desenvolvimento urbano e suas conseqüências.

Referências Bibliográficas

BLANCO, Ângela Garcia. *Didáctica Del Museo: El descubrimiento de los objetos*. Madrid/ES: Ediciones De La Torre, 1988.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994

FONTANA, Roseli Cação. *Mediação Pedagógica em sala de aula*. Campinas: Autores Associados, 1998.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1990

MOYSÉS, Aristides. *Goiânia, metrópole não-planejada*. Goiânia/GO: Ed. UCG, 2004.

PINTO, Rubia-Mar Nunes ET ALL. *História e memória da pipa em Goiânia: Uma história das crianças e da cidade*. Revista *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Año 15, Nº 150, Noviembre de 2010. <http://www.efdeportes.com/>.

VIVENCIANDO O DIÁLOGO: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO PRÁTICA TRANSFORMADORA

Área temática Educação.

Responsável pelo trabalho: Milena V. Paes

Instituição: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Nome dos Autores: Milena V. Paes¹; Ernesto F. Galli²; L.Gonçalves Junior³

Resumo

Nesse trabalho realizamos um relato de experiência sobre o projeto de extensão “Vivências e Atividades Diversificadas de Lazer”, do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da Universidade Federal de São Carlos (DEFMH/UFSCar) que é desenvolvido no Jardim Gonzaga, cidade de São Carlos, desde 2002. O projeto abrange crianças e jovens de 3 a 17 anos, tendo como objetivo central propiciar processos educativos *para e pelo* lazer com a comunidade do Jardim Gonzaga e bairros adjacentes. Mediante diversas atividades de lazer, como passeios, leituras, jogos e brincadeiras coletivos, dentre outras, buscamos refletir e dialogar cotidianamente sobre as transformações da realidade buscando uma educação libertadora. Como aporte teórico para o nosso trabalho nos pautamos, principalmente, na pedagogia dialógica de Paulo Freire. Seu conceito de diálogo é central na nossa metodologia e é ele que permite o desenvolvimento de nossas atividades no *fazer com*. No período recente estamos desenvolvendo nossa ação a partir do tema gerador “respeito”, definido pela comunidade. Este possibilitou valorização dos/as participantes, seus pais, educadores e comunidade como um todo, maior significação, favorecendo transformação à medida que compreende todos como sujeitos ativos da própria história.

Palavras Chave: Processos Educativos, Pedagogia Dialógica, Transformação.

Introdução

O projeto de extensão “Vivências e Atividades Diversificadas de Lazer” (VADL), do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da Universidade Federal de São Carlos (DEFMH/UFSCar) é desenvolvido no Jardim Gonzaga, cidade de São Carlos, desde 2002.

O projeto abrange crianças e jovens de 3 a 17 anos, tem como objetivo central propiciar processos educativos *para e pelo* lazer com a comunidade do Jardim Gonzaga

¹ Estudante do curso de pedagogia UFSCar bolsista de extensão da UFSCar.

² Estudante do curso de pedagogia da UFSCar e membro do NIASE/UFSCar.

³ Professor Associado do DEFMH e PPGE/UFSCar. Coordenador do NEFEF/UFSCar e Presidente da SPQMH.

e bairros adjacentes, mediante diversas atividades de lazer, como passeios, leituras, jogos e brincadeiras coletivos, dentre outras, buscamos refletir e dialogar cotidianamente sobre as transformações da realidade buscando uma educação libertadora.

Salientamos que o município de São Carlos, interior do estado de São Paulo, é, segundo Campos *et al* (2003) considerada um pólo tecnológico por conta da presença de duas grandes universidades - Universidade de São Paulo e UFSCar – instaladas nas décadas de 1950 e 1960, bem como da instalação de grandes empresas.

Apesar desse contexto economicamente favorável para a cidade, existem bolsões de pobreza, entre eles, o Jardim Gonzaga, que se situa na fronteira da área urbana e apresenta altos índices de vulnerabilidade social (pobreza, violência, desemprego, drogas e baixa escolaridade). Gonçalves Junior e Santos (2006), em uma breve apresentação do histórico do bairro, explicitam que este começou a ser ocupado em 1977 e leva esse nome por conta de um dos primeiros moradores conhecido como “Seu Gonzaga”.

Segundo entrevistas realizadas por nossa equipe de trabalho (formada por professores/as e monitores/as de áreas distintas: educação física, música, pedagogia, biblioteconomia) no início de 2011, para efetuar a inscrição das crianças e jovens no projeto, no qual também fizemos perguntas para as famílias, pudemos constatar um alto índice de desemprego, e emprego informal. Ainda, constatamos que a maioria dos pais e mães tem pouca idade a mais que seus filhos, baixa escolaridade e que a maioria da população é afrodescendente. Condições que em nossa sociedade causam preconceito.

Todas as informações acima explicitam a desproteção social que as crianças e jovens que frequentam o projeto estão sujeitas. Mas temos que reconhecer, como afirma Freire, “(...) que somos seres *condicionados* mas não *determinados*. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de *determinismo*, que o futuro, permita-se-me reitar, é *problemático* e não inexorável” (FREIRE, 2009, p.19).

Considerando o acima exposto, a partir da realidade concreta do Jardim Gonzaga, consideramos de extrema importância a atuação neste espaço buscando a sua transformação, bem como nossa, e a autonomia dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido é importante a vinculação entre pesquisa, ensino e extensão para transformação. Salientamos que o projeto já proporcionou duas pesquisas de mestrado (SANTOS, 2008; LAGE, 2009), e diversos artigos publicados, todos com uma proposta de transformação e ação no bairro junto com a comunidade.

Metodologia da Intervenção

A ECO, conhecida pelas crianças como “quadra”, é o local onde desenvolvemos a maior parte das nossas atividades. Este espaço conta com duas salas multiuso, uma quadra poliesportiva, um minicampo de futebol, uma Unidade de Saúde da Família (USF), uma biblioteca infanto-juvenil, com cerca de 300 livros, um depósito de materiais e dois banheiros, um masculino e outro feminino. Como no mesmo espaço contamos com uma USF tal contribui para que a comunidade tenha um contato mais próximo com as atividades desenvolvidas.

O espaço é administrado pela Prefeitura Municipal de São Carlos (PMSC), e atualmente esta passando por um processo de reforma e revitalização, pois desde sua inauguração, em 2005, não passou por qualquer reforma, estando em condições bastante precárias devido ao uso.

Normalmente as atividades da ECO são realizadas nos períodos da manhã e da tarde, havendo também algumas atividades às segundas e quartas a noite. Atualmente o VADL se desenvolve às quartas-feiras, das 14h às 17h, e às quintas e sextas-feiras, das 8h às 11h, e das 14h às 17h, com educadores, das diversas áreas, que intercalam seus horários.

As atividades no projeto são desenvolvidas partindo do pressuposto de Freire (2003) quando este afirma que

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão (p. 78).

Dessa forma, todas as nossas práticas caminham no sentido do diálogo com os/as participantes, compreendendo que estes/as são ativos do processo educativo.

Uma das atividades que desenvolvemos é o “Caracol”. Ao lado da quadra da ECO existe um espaço de concreto armado em forma de caracol, elevado do chão, onde nos sentamos com as crianças no começo e/ou final de cada encontro. A intenção deste momento é ouvir as crianças e dialogar alguns assuntos como: o que desenvolveremos naquele ou no próximo encontro, bem como datas significativas, tais como: dia da mulher, da consciência negra, do trabalhador, dentre outros.

Consideramos este momento importante para estabelecer o diálogo, pois entendemos que é importante escutar a fala dos envolvidos/as e não cair em uma “cultura do silêncio” (FREIRE, SHOR, 1986).

Ao combinarmos, ao final de cada encontro algumas atividades para a semana seguinte, há favorecimento de que as atividades realizadas sejam significativas para os/as participantes.

Todas essas atividades combinadas são orientadas por um tema gerador levantado a partir das necessidades, vivências, experiências da comunidade, educadores e funcionários que atuam com as crianças. No período recente estamos atuando com o tema “respeito”.

Freire (2005) quando discorre sobre seu conceito de tema gerador que:

Investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis. A metodologia que defendemos exige, por isto mesmo, que, no fluxo da investigação se façam ambos sujeitos da mesma - os investigadores e os homens do povo que, aparentemente, seriam seu objeto (p. 98).

Por conta disso, para a coleta do tema gerador realizamos entrevistas junto aos/as participantes (crianças e jovens), seus responsáveis, educadores/as e funcionários/as com diversas perguntas que nos ajudaram a compreender as diversas formas de ver o mundo. Dentre essas perguntas a principal que nos auxiliou na coleta do tema gerador foi: “Qual assunto/temática você quer que seja desenvolvido no projeto?”. Vale registrar que atualmente estamos realizando coleta de novo tema gerador na comunidade, já que estamos trabalhando como o tema “respeito” há 1 ano.

Essas três atividades descritas não são as únicas desenvolvidas pelo VADL, que ainda desenvolve atividades de leitura, jogos e brincadeiras coletivas, debates de filmes, danças, passeios, pintura, dentre outra, mas são as principais que, no decorrer da inserção do projeto no bairro do Gonzaga, permaneceram como atividades fundamentais para a concretização de nossa metodologia.

Resultados

No período de existência do projeto, este demonstrou e ainda vem demonstrando por meio de sua ação, ser um espaço de extensão universitária à medida que possibilita a inserção transformadora dos estudantes em realidades diferentes do contexto acadêmico.

Nossa inserção em um bairro de alta vulnerabilidade social e altos índices de violência aliada à metodologia de intervenção adotada pelo projeto permite, por meio de

um trabalho contínuo e interdisciplinar, a concretização do diálogo em todas as atividades.

A definição compartilhada do tema gerador, bem como das atividades do dia e/ou do próximo encontro no “caracol”, favorece que as ações do projeto sejam significativas para as crianças e jovens, que em sua maioria, permanecem no projeto.

Tanto educadores/as, quanto crianças e jovens se percebem enquanto seres humanos que podem, por meio de relações dialógicas transformar a realidade.

Considerações

Consideramos que essa forma de nos inserirmos na comunidade e intervirmos conjuntamente na mesma possibilita algumas ações transformadoras que valorizam a vivência da comunidade e permitem a superação da situação de opressão. Ainda permite aos estudantes que participam do projeto vivenciar uma troca de experiências junto aos/as participantes por meio do diálogo como uma forma de conhecer e transformar o mundo criando alternativas deles e nossas de respeito, reconhecimento e valorização de alteridades, como sujeitos construtores da própria história, dando um significado transformador à extensão universitária.

Referências Bibliográficas

- CAMPOS, Silmara Elena Alves; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MAIA, Maria Aparecida; VASCONCELOS, Valéria Oliveira de; SILVA JUNIOR, José Adônis da; LIMA, Mônica dos Santos. O lazer cotidiano do Jardim Gonzaga - São Carlos. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER - LAZER E TRABALHO: NOVOS SIGNIFICADOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 2003, Santo André. **Anais...** Santo André: 2003.
- GONÇALVES JUNIOR, Luiz; SANTOS, Matheus O. Brincando no jardim: processos educativos de uma prática social de lazer. In: VI EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - PUCPR - PRAXIS, 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2006. v.6. p.1902-1915. (ISBN 85-7292-166-4).
- LAGE, Victor. **Lutas e brincadeiras: processos educativos envolvidos na prática de lutar**. 2009. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, P.; SCHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 224 p
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. 148 p
- SANTOS, Matheus O. **Lúdico, Animação Cultural e Educação: um olhar para o projeto Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer**. 2008. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2008.

VIVÊNCIAS COLETIVAS EM ATIVIDADES DE AÇÃO E AVENTURA: EXPANDINDO ESPAÇOS E SENTIDOS AO FAZER CORPORAL DE ACADÊMICOS DA FURG/RS

Área temática: Educação

FREITAS, G.

Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

TEIXEIRA, J.

Resumo

A presente comunicação é fruto da ação de extensão intitulada “Práticas Esportivas Não-Convencionais”, ocorrida durante o 2º semestre de 2010 através do Programa “Práticas Desportivas na FURG”. Nesse vetor, buscamos a criação de um projeto que oportunizasse vivências a partir de práticas ainda não implementadas pelas ações do Programa em âmbito universitário e que instituíssem um fazer corporal pautado pela experiência sensível, as quais delimitamos como sendo a prática do Skate, Trekking, Sandboard, Bike, Surf e Stand’up, em variados ambientes do município do Rio Grande/RS. Propomos a experimentação como metodologia, objetivando oportunizar vivências corporais coletivas em detrimento da reprodução esportiva significada pelo individualismo competitivo; mobilizar e estimular a produção de conhecimentos acerca das interfaces entre meio ambiente e educação; além de fomentar esse movimento através do contato com o “campo” e ambientes distintos dos vigentes no cotidiano acadêmico. Essa experiência potencializou a coletividade nos participantes do projeto, a ampliação de vivências corporais e ambientais caracterizadas pelo risco e aventura, assim como instituiu a prática destas atividades no cotidiano acadêmico enquanto experiência sensível. Ressalta-se ainda, o protagonismo das comunidades envolvidas que vêm nessas práticas e nesses espaços, um patrimônio simbólico de suas vivências e histórias de vida.

Palavras-Chave: Práticas Esportivas, Meio Ambiente, Formação Acadêmica.

Introdução

O projeto “Práticas Esportivas Não-Convencionais” surgiu no 2º semestre de 2010, através do Programa Institucional “Práticas Desportivas na FURG”, o qual tem por objetivo oportunizar a prática desportiva a estudantes em formação e comunidade

acadêmica, mediada pela intervenção dos graduandos do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Através do vínculo estabelecido com tal proposta, buscamos a construção de uma ação de extensão que aglutinasse uma gama de práticas “não-convencionais” ao público do Programa, as quais foram assim intituladas por desviarem das características e configurações das práticas esportivas vigentes na instituição como os esportes de quadra, as danças e ginásticas. Sendo assim, propomos as práticas de Skate, Trekking (caminhada em trilhas naturais), Sandboard (deslizar sobre dunas de areia), Bike, Surf e Stand’up.

Segundo Pereira, Armbrust & Ricardo (2008), podemos nominar as práticas aplicadas no projeto como Esportes de Ação e Aventura, pois para os autores elas circulam sobre um escopo de práticas corporais de risco, em que “em comum têm o fato de estarem enraizados na busca por uma existência significativa e com o risco como agente fundamental para se viver experiências emocionais. Porém, se distinguem nas suas características [...]” (s.p.). Os autores consideram como atividades de ação àquelas em que identificamos a presença de manobras, como a prática de Skate, Sandboard e Surf, e atividades de aventura àquelas em que buscamos o novo, o que “está por vir”, algo ainda desconhecido, “[...] onde a distância, o clima, o esforço físico, a privação e a incerteza estão presentes” (s.p.), como a prática do Trekking e Bike. O caráter de ação e aventura que tais atividades assumem em seus contextos de prática e as múltiplas possibilidades de experimentação corporal que oferecem nos instigaram a articulá-las em nosso projeto para outra intervenção sobre o fazer corporal universitário, vivenciando a prática desportiva em suas faces sensível e ambiental. A concretização do projeto potencializou significativas possibilidades de conexão com o ensino e a pesquisa acerca das temáticas educação, meio ambiente e práticas esportivas de ação e aventura. Algumas dessas ações passam pela consolidação de grupo de pesquisa em que a prática do skate em Rio Grande vem sendo investigada; disciplinas no curso de Educação Física tematizando as Práticas Corporais de Aventura na Natureza; assim como publicação de resumos e artigos em eventos científicos.

Os objetivos específicos aliados ao projeto foram: oportunizar a vivência coletiva em práticas esportivas não-convencionais; mobilizar a produção do conhecimento sobre Educação e Meio Ambiente na Universidade através do trato com os campos e a comunidade; estimular o contato do acadêmico com os diferentes espaços do município e o engajamento de suas ações com problemáticas imanentes desses ambientes, sejam elas de caráter cultural, social ou ecológica.

Material e Metodologia

As práticas ocorreram aos sábados, quinzenalmente, no período de setembro a novembro de 2010. O projeto abarcou a inscrição de 30 participantes, dentre eles 15 estudantes do curso de Educação Física e 15 estudantes de outros cursos, além dos membros comunitários envolvidos com as práticas e os espaços visitados. Também contamos com o suporte institucional ao transporte dos participantes e disponibilidade dos equipamentos. Ao todo, foram visitadas cinco localidades do município de Rio Grande/RS, as quais se constituíram à nossa proposta como ambiências propícias à concretização de nossos objetivos. Essas foram: a pista de Skate do Centro Municipal de Eventos de Rio Grande, espaço cedido à antiga “ASK-RG” – Associação de Skatistas de Rio Grande; trilhas naturais sobre os campos e trilhos de trem localizados ao redor da Lagoa Verde, com a prática da Bike; dunas da Ilha dos Marinheiros com a prática do Sandboard; trilha ecológica do Ecomuseu da Picada; e por fim, a Praia do Cassino com a prática do Surf e Stand’up.

Resultados e Discussões

Com o término das atividades do projeto empregamos um processo avaliativo com o objetivo de produzir um cenário sobre a ação realizada, como também coletar algumas reflexões sobre os significados que os acadêmicos estabeleceram às vivências oportunizadas. Concomitante a isso, iniciamos um processo de investigação teórica sobre os temas que emergiam não só das falas inscritas nos instrumentos de avaliação que recorriam, principalmente, a discursos sobre o risco, a diversão e a aprendizagem, como também de nossos olhares sobre as experiências realizadas. Algumas considerações puderam ser feitas a partir de três eixos de reflexão, os quais aqui se ilustram como Educação/Meio ambiente; práticas corporais de risco; ação, aventura e formação acadêmica.

Em relação ao primeiro eixo, nos debruçamos sobre a leitura de Félix Guattari (2006), contida no livro “As Três Ecologias”, no qual o autor menciona o conceito de ecosofia como a articulação ético-política dos três registros ecológicos: “meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana” (p. 08). Estes registros apresentam potencialidade em produzir o que nomeou como “novos modos de ser-em-grupo” na direção de uma outra produção cultural menos individualizada e mais coletiva. A escolha pela metodologia de ensino na perspectiva da experimentação coletiva, ou como o autor evoca por “intersubjetividades”, contribuiu à produção de coletividades durante as práticas corporais

vivenciadas, em detrimento de um modelo cultural pautado exclusivamente em valores de competição e rendimento como intrínsecos à prática esportiva. Diante desse esquema, identificamos outro fazer corporal em referência a esse modelo individualizado, por meio de aspectos emergentes das falas e de nossos olhares como amizades, diversão, e compartilhamento, principalmente, no que se refere ao uso dos materiais e na aprendizagem. Guattari nos provocou a pensar sobre as possibilidades de se instituir práticas coletivas e se produzir uma outra configuração cultural a partir dos preceitos da ecosofia. Foi sobre esse escopo que identificamos a consolidação de práticas corporais mais coletivas e sensíveis à totalidade ambiental que nos cercava.

Sobre o segundo eixo, no que se refere ao modelo de práticas corporais delimitado ao projeto (práticas esportivas de ação e aventura), percebemos que a significativa procura pela participação não se restringiu ao fato de estarmos oportunizando práticas não-convencionais, isto é, diferentes das demais já instituídas no Programa, mas também ao caráter que tais atividades assumem em seus contextos de ação e as sensações que se configuram de forma singular nesse tipo de prática corporal. A presença do risco nas atividades de ação e aventura foi identificada como um fator propulsor à relevante repercussão obtida (tivemos mais de 30 acadêmicos participantes do projeto oriundos dos cursos de Educação Física, História, Oceanologia, Física e Engenharia Química).

Acerca dos sentidos do risco nas atividades de aventura, David Le Bretton (2006) explana em um de seus escritos, intitulado “Risco e lazer na natureza”, que “A aventura é uma maneira de quebrar as rotinas da existência, uma tentativa de evasão” (p.102). No decorrer do projeto, identificamos a produção de um discurso que opera os aspectos da vertigem e escape como motivadores da adesão dos participantes pelas práticas oferecidas. A busca pela experiência corporal junto à natureza e espaços que desviam do cotidiano dos sujeitos imersos no campo do trabalho, formação profissional e meios urbanos, configurou-se em nossas reflexões como a busca pela aventura, pelo outro, pelo diferente, àquilo que foge ao olhar e às experiências viciadas do campo da rotina e da repetição.

Já no terceiro eixo, em relação à formação acadêmica comungada à prática de atividades de aventura, discorremos à contribuição de Vagheti e Pardo (2007) que tratam da inserção curricular de uma prática em particular, a do surf, na formação universitária. Os autores afirmam que “Essa experimentação irá auxiliar o estudante a compor um estilo próprio de enfrentar seus medos, de construir seus argumentos, suas retóricas, suas performances corporais, suas exposições e disputas no mercado de trabalho e fundamentalmente, na vida. (p.03). Nessa perspectiva, a implementação de atividades de

risco na formação acadêmica, constituiu-se como a apropriação do risco à própria subjetividade humana na forma de enfrentamento e desafio às múltiplas contingências sociais que se configuram frente as nossas experiências de vida. A noção de risco, ainda que presente como fator preponderante enquanto busca pelos participantes, pode ser entendida mais como “simulacro, em que brinca-se mais com sua ideia do que com suas mordidas” (LE BRETTON, p.96).

Por fim, não mais implícito aos eixos de reflexão elencados, porém não menos importante de se destacar, explicitamos sobre o aspecto fundamental da extensão que esteve significativamente presente nas ações. O contato com os saberes “vindos do campo” foram fundamentais para o entendimento dos espaços e dos esportes enquanto patrimônios simbólicos para esses sujeitos e comunidade ao redor. Os ambientes visitados são repletos de significado para os grupos que fazem deles palco de suas vivências culturais, significados que se incorporam através da sensibilidade e do trato com o meio.

Conclusão

Essa experiência demonstrou significativas possibilidades de se instituir práticas corporais e esportivas com a atribuição de sentidos distintos dos preceitos esportivos de competição e individualismo. Os participantes do projeto produziram formas de agir coletivamente nesses espaços, a capacidade de compartilhar, à arte de ouvir os saberes vindos do campo, assim como consolidaram sentidos acerca das relações entre o sujeito (acadêmico), prática corporal e meio ambiente, o que fomentou o engajamento científico em temas educacionais e ambientais.

Referências

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas: Papyrus, 1990.

LE BRETTON, David. **Risco e Lazer na Natureza**. In: MARINHO, Alcyane; NRUNHS, Heloísa (orgs.). Viagens, Lazer e Esporte. Trad. Adriana Junqueira Arantes, Maria Idalina Ferreira Lopes, Maria de Lourdes Gianini. Barueri: Manole, 2006.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor & RICARDO, Denis Prado. Esportes Radicais de Aventura e Ação, conceitos, classificações e características. **Corpoconsciência**. Santo André-SP, FEFISA, v. 12, n. 1, 2008, p.37-55.

VAGHETTI, César Augusto Otero & PARDO, Eliane Ribeiro. **Um esporte não convencional no mundo acadêmico: singularidades histórico-culturais e possibilidades de inclusão do ensino do surfe na universidade**. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de Educação Física. Pelotas: Editora da UFPel, 2007.